

A INTERFACE SEMIÓTICA DAS CANÇÕES DE NANDO REIS NO ESTUDO DA LEITURA

Carmen Elena das Chagas (IFRJ)

carmen.chagas@ifrj.edu.br

Pânmella Franco Bispo dos Santos (IFRJ)

flor-pan@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho possui como objetivo migrar do “restritivamente linguístico” para o “globalmente comunicativo”, buscando trazer novas perspectivas de estratégias para o estudo de leitura. Assim, através dos fundamentos teóricos da abordagem global, da linguística textual, da semiótica e da pedagogia simbólica, deseja-se, aqui, valorizar os sentidos na construção do saber, conjugando mente/audição; cognitivo/afetivo; abstrato/concreto através do uso dos conhecimentos prévios do aluno no gênero textual “canção”. O *corpus* do trabalho é formado por vinte canções do compositor Nando Reis, cujas letras retratam a identidade semiológica do artista e que viabilizam a inserção do aluno-leitor na apreensão do texto, levando-o a ser um leitor de sucesso. A metodologia deste trabalho será através das capacidades da competência comunicativa do aluno/leitor. Primeiro, fez-se necessária a escolha de letras das canções de Nando Reis; segundo, houve momentos de estudos sobre as teorias norteadoras do trabalho; terceiro, foi feita uma análise semiótica das letras escolhidas, buscando hipóteses sobre o perfil subjetivo/literário do compositor. Nessa análise, observaram-se alguns pontos como: a neutralidade do gênero do eu lírico; a repetição de palavras concretas que utilizam a natureza como pano de fundo e que se referem à presença dos sentidos; uma busca incessante de explicações para efemeridade da vida, através do refrão; um passear pelos tempos passado/presente/futuro, reiterando a inconstância do ser e, por fim, uma constante presença do vocábulo SOL nas letras, trazendo a possibilidade de compreensão do compositor se ver nesse sol ou este como integridade do seu eu lírico.

Palavras-chave: Leitura. Canção. Competência comunicativa.

1. *Considerações iniciais*

O trabalho com leitura, ao longo dos anos, nas salas de aula, tem sido uma prática muito intensa, isso porque o aluno precisa estar preparado para se tornar o sujeito capaz de ler, de compreender e transformar o que está escrito. Assim, é importante que o ato de ler se torne uma capacidade de apreender a significação profunda dos textos com que o aluno-leitor se depara, preparando-o para reconstruir o seu conhecimento.

Ao considerar que o ensino da língua visa proporcionar ao aluno situações em que ele possa vivenciar a linguagem como prática social e que, uma análise mais detalhada da estrutura textual constitui um interes-

sante foco para língua portuguesa e literatura, isso se o gênero selecionado for favorável ao estudo, fica muito mais fácil a análise porque as variedades podem explorar a função das estratégias próprias de cada texto.

O *corpus* do trabalho foi composto por 20 canções diversas do cantor e compositor brasileiro Nando Reis, cujas letras revelam o valor semiótico e semiológico do texto, relacionando-o, assim, às capacidades da competência comunicativa da abordagem global e observando os sentidos presentes nos textos através da pedagogia simbólica.

Cada gênero textual abre a perspectiva de uma multiplicidade de interpretação ou leitura, pois se as intenções do produtor podem ser das mais variadas formas, não teria sentido a pretensão de atribuir ao texto, apenas, uma interpretação única e verdadeira.

Interpretar, assim, um texto consiste em apreender os seus possíveis significados, que se apresentam nele por meio de marcas verbais e não verbais de acordo com a natureza do texto que se está sendo lido. Essas marcas funcionam como pistas dadas ao leitor para permitir-lhe o levantamento de hipóteses sobre o que os autores podem querer estar expressando. É preciso lembrar o aluno-leitor que essas pistas que lhe são direcionadas no texto tornam possível a reconstrução do texto a partir de um contexto que advém de seu conhecimento de mundo e atreladas as características próprias do texto. A consciência deste fato poderá, inclusive, servir-lhe de base para perceber a natureza polissêmica da leitura porque faz com que seja a sua (do leitor) história um fator importante de experiências e de leituras responsável por essa reconstrução que ele mesmo faz do texto ao longo de sua vida.

Dessa forma, um texto traz referências explícitas ou implícitas a outros textos, já que a intertextualidade, propriedade constitutiva de todo texto, pode contribuir para o desenvolvimento de enfoques diferenciados no ensino pelo fato de fazer da leitura uma atividade eminentemente interdisciplinar.

Esse projeto de leitura que se organizou em torno do gênero “canção” integrou atividades, cuja realização envolveu ler para compreender e apreender aquilo que se faz relevante para o desenvolvimento de outras atividades e não apenas o “mero ler para aprender a ler”. Houve, nesse contexto, uma união de aspectos que trabalham estratégias mais práticas embasadas na visão de mundo dos alunos e em uma perspectiva mais criativa.

A partir disso:

Há, além dos signos da linguagem verbal, muitas outras espécies de signos que povoam de linguagens a vida do homem: a pintura, a mímica, o código de trânsito, a moda, as linguagens artificiais, etc. Os signos, em geral, tanto os das linguagens não-verbais quanto os da linguagem verbal, são objetos de uma ciência geral dos signos: a semiologia. (ORLANDI, 2000, p. 11)

O que referimos, aqui, é que o possível e o razoável em relação ao entendimento de um texto possam se definir, levando-se em conta as histórias da sua leitura na maneira de interação que o leitor estabelece em um determinado processo de leitura.

O estudo de leitura, nas aulas, de certa forma, apresenta uma pedagogia da contradição, pois fragmenta o texto para que se aprenda a perceber o todo e procura fazer com que o aluno responda somente o que está previsto na leitura do professor ou do autor do livro didático, ao mesmo tempo, que se exige um leitor participativo e crítico. Essa pedagogia acaba contribuindo para um aluno que lê e não entende, interpreta sem ter lido e faz atividades sem função realmente sociocultural.

O ensino de leitura em sala de aula, muitas vezes, parte de uma leitura silenciosa ou em voz alta do texto e depois de uma série de reflexões discutidas por meio de perguntas sobre o texto que não leva em consideração se o aluno de fato o compreendeu. Nesse tipo de ensino, o professor passa para os alunos uma resposta que passa a ser a “autorizada” do texto. Essa visão autoritária de leitura vem do princípio de que há apenas uma maneira de abordar o texto e uma interpretação a ser alcançada e, assim, permite todas as deturpações ocorridas no entendimento do texto, pois o aluno baseia-se na crença de que o papel dele consiste apenas em extrair informações por meio dos domínios das palavras que trazem informações. Isso, na verdade, é uma atividade de decodificação, porque permite leituras dispensáveis uma vez que não modificam a visão de mundo do aluno-leitor.

Assim, a abordagem global objetiva a globalidade – o todo - por meio de um escopo de ações de como trabalhar o ensino de leitura. Essa globalidade parte do princípio de que os alunos não são “tábuas rasas” e que as atividades práticas precisam deixar de ser rotineiras e monológicas.

À medida que essa teoria nos chama a atenção para o fato de que o aluno-leitor já traz uma bagagem previamente construída em sua men-

te, a ideia de que há o aluno “zero” precisa ser abdicada para que haja uma mudança considerável na relação professor/aluno/objeto de estudo.

Dessa forma, o que estamos nos referindo, aqui, é que o possível e o razoável em relação ao entendimento de um texto possam se definir, levando-se em conta as histórias da leitura na maneira de interação em que o leitor se estabelece em um determinado processo de construção do seu eu como sujeito.

2. Objetivo geral

Trabalhar a leitura, de forma intertextual, conjugando o gênero “canção” aos estudos semiológicos, visando ao desenvolvimento do aluno-leitor, através da competência comunicativa da abordagem global, transformando-o em leitor de sucesso ao migrar do “restritivamente” linguístico para o “globalmente” comunicativo.

3. Objetivos específicos

- Identificar a interface semiológica das canções de Nando Reis, relacionando-as aos movimentos literários;
- Identificar nas letras das canções de Nando Reis características estilísticas próprias do autor;
- Classificar as características das canções de Nando Reis a um determinado contexto a partir da semiologia das letras;
- Proporcionar ao aluno-leitor uma educação dos sentidos e da percepção crítica, propiciando a descoberta do prazer sensorial e estético, por meio de uma linguagem multissemiótica, voltada para a interação pluridimensional que relaciona todos os elementos que o gênero “canção” pode pressupor, através da pedagogia simbólica;
- Construir um objeto concreto que sirva de objeto detonador anamnésico para a retenção do conhecimento.

4. *Capacidades da competência comunicativa da abordagem global*

A Abordagem busca a competência comunicativa do leitor através das capacidades que buscamos nos textos como:

- a) *Linguística* – características próprias da língua portuguesa (regras) substantivos abstratos e concretos, pronomes, verbos etc.
- b) *Textual* – características do próprio texto como é do gênero canção, há uma construção já pré-determinada como refrão, melodia, repetição, sonoridade etc.
- c) *Referencial* – características que vêm do nosso conhecimento de mundo que utilizamos para tirar conclusões de ideias que não estão no texto como a percepção de um eu lírico meio desapegado ao mundo, inconstante, em busca de algo etc.
- d) *Relacional* – características que vêm da troca de papéis entre autor/leitor/autor. O autor escreve a letra, o leitor apreende o sentido e transforma o que aprendeu e cria algo concreto e vira autor do próprio texto, deixando de ser um mero leitor para ser um leitor de sucesso.
- e) *Situacional* – Quando o leitor se torna autor de sua interpretação, ele se sente seguro de si e é capaz de apreender, modificar, criar o seu próprio texto. A situação dele muda de leitor para autor.

Através dessas capacidades observadas nas canções foi possível chegar às hipóteses do trabalho e comprová-las com os exemplos apresentados *a posteriori*.

5. *Metodologia*

A metodologia para este trabalho foi fundamentada em alguns mandamentos e submandamentos da leitura na escola apresentados por Maurício da Silva (2002, p. 35) em seu livro “Repensando a leitura na escola: um outro mosaico” e na pedagogia simbólica, segundo Carlos Amadeu Byngton (1996), baseada na formação e no desenvolvimento da personalidade e que por isso inclui todas as dimensões da vida: o corpo, a natureza, a sociedade, as ideias, as imagens e as emoções. Um método centrado na experiência e não na abstração, que evoca diariamente a imaginação de alunos e educadores para reunir o objetivo e o subjetivo

dentro da dimensão simbólica ativada pelas mais variadas técnicas expressivas para vivenciar o aprendizado. Partindo, sempre, dos pressupostos teóricos da abordagem global que visam ao estudo das capacidades da competência comunicativa do aluno-leitor, sob o olhar detalhado da semiótica.

Primeiramente, foram escolhidas 20 letras das canções de Nando Reis; segundo, realizou-se um estudo das teorias que embasam o trabalho; terceiro, as letras escolhidas foram analisadas sob a ótica das capacidades (textual, linguística, referencial, situacional e relacional) da competência comunicativa da abordagem global, da semiótica e da linguística do texto; e, por último, tentou-se conjugar os aspectos cognitivo/afetivo; abstrato/concreto; mental/manual; objetivo/subjetivo da pedagogia simbólica, na construção, assim, um objeto concreto que conjugasse os sentidos no caso uma bolsa de praia.

6. Resultados

A partir do resultado das análises das letras, deu-se continuidade da pesquisa sobre o tema, abrangendo-o a outros gêneros textuais. Percebeu-se que essa maneira de estudar leitura pode ser implantada em mais salas de aula das escolas de forma eficaz. A pesquisa revelou características próprias do compositor/cantor Nando Reis como:

1^a *Neutralidade de gênero*, pois o eu lírico não faz referência a masculino ou feminino.

Ex.:

“O que *você* está fazendo?” (Relicário) ;

“Quando *você* está ao lado dessa *pessoa*” (Sei);

“*Você* não vai chorar” (Dessa vez);

“Quando foi que eu deixei de *te* amar” (Quem vai dizer tchau);

“Se os *seus* lábios ainda estão molhando os lábios meus”. (N).

2^a *Uso da natureza como pano de fundo*; (busca dos sentidos) e 3^a. *Repetição de palavras concretas e abstratas* (objetividade x subjetividade).

“A tarde linda”,

“Dançam as *ilhas* sobre o *mar*” e “O horizonte anuncia com o seu vitral” (Relicário);

“Sabe, quando passa a *nuvem* em *brasa*” e “arde o *corpo*, sopra do *ar* que traz essa pessoa” (Sei);

“*céu cheiro* e *ar* na cor que o *arco-íris*” (Pra você guardei o amor);

“As *lágrimas* que molham esses *olhos crus*” (Frases mais azuis);

“No *fogo* o *gelo* vai queimar” (Pra você guardei o amor); “a *telha* esquenta e cobre” (A letra a).

“Seus *olhos* abrem *portas*” (Pra onde foi?)

3ª *Uso do refrão como reforço para a efemeridade/inconstância da vida.*

O seu lugar não sei
no meu lugar deixei você entrar
pra onde foi?
mas não se foi
não se vá. (Pra onde foi?);

sol para luzir o dia
céu para cobrir o mundo
som para ouvir
sono para dormir (Para luzir o dia);

Por onde andei
enquanto você me procurava
e o que eu te dei?
foi muito pouco (Por onde andei);

Estranho seria se eu não me apaixonasse por você
o sal viria doce para os novos lábios
Colombo procurou as Índias, mas a Terra avisto em você
o som que eu ouço são as gírias do seu vocabulário (All star)

eu não vou chorar
você não vai chorar
você pode entender
que eu não vou mais te ver
por enquanto
sorria e saiba o que eu sei
eu te amo (Dessa vez).

4ª Utilização dos tempos passado/presente/futuro como inconstância da vida.

É bom se apaixonar
ficar feliz
te ver feliz me faz bem
foi bom se apaixonar
foi bom e *é* bom e o que *será*
por pensar demais eu preferi não pensar demais
dessa vez
foi bom e por que *será?* (Dessa vez);

Somos se *pudermos* ser ainda
fomos donos do que hoje não *há* mais
houve o que *houve é* o que *escondem* em vão (Quem vai dizer tchau?);

cartazes te procurando
aeronaves *seguem* *pousando*
sem você *desembarcar*
pra eu te *dar* a mão nessa hora
levar as malas pro fusca lá fora (Luz dos olhos);

Mas talvez você não *entenda*
essa coisa de *fazer* o mundo *acreditar*
que meu amor não *será* passageiro
te *amarei* de janeiro a janeiro
até o mundo acabar.
(De janeiro a janeiro).

5ª Afirmação do “eu” do compositor através da presença do vocábulo SOL na maior parte das letras.

“Quando o segundo *sol* chegar” e “que eu fui lá fora e vi dois *sóis* num dia” (O segundo sol);

“*sol* do dia” (Espatódea);

“*sol* para luzir o dia” (Para luzir o dia);

Amanhã você será a noite
Amanhã eu serei o *Sol*
Amanhã você verá de noite
Amanhã eu verei no *Sol?*
Amanhã o que eu direi pro *Sol?*
Amanhã você terá a noite
porque amanhã eu te darei o *Sol*

(Para quando o arco-íris encontrar o pote de ouro

”de olhos abertos me esquento o *sol?*” (Os cegos do castelo);

“cantar *um novo dia nascendo*” (Dessa vez); “Sorrir, vem *colorir solar*” (Pra você guardei o amor).

Assim, o uso da natureza como pano de fundo em suas canções e vida; uso de substantivos concretos e abstratos, demonstrando a inconstância do ser; e o passear pelos tempos presente, passado e futuro na mesma canção, demonstrando a transitoriedade da vida e, por fim, o signo Sol como referencial de sua vida. Através desse signo, construiu-se o objeto detonador anamnésico⁹ – uma bolsa de praia.



Transcrição da bolsa pela orientanda:

Eu fiz o Nando Reis, formando um sol porque ele é muito importante para mim e o meu sol como compositor e cantor. Ele me traz luz, força e alegria. Os raios que saem dele são os versos que marcam a identidade dele porque todos tem a palavra sol. Cada palavra está com uma cor de acordo com o significado de cada sol no verso. A ação dos verbos e as palavras (capacidades linguística e textual) e a presença do sentido (visão, tato, audição) vão dando o significado do que ele quer passar e a ressignificação desses termos construídos por mim. Eu passei de leitora para leitora/autora, já outras pessoas vão poder dar novas significações através da minha imagem.

Isso é sair o restritivo para o globalmente comunicativo. É se tornar uma leitora capaz de ler, compreender, apreender e transformar. Para chegar a es-

⁹ Objeto detonador anamnésico é o que faz o aluno relembrar os conceitos estudados através da construção objetual e subjetivo. (SILVA, 2013)

sas conclusões, eu tive que fazer uma varredura nas canções para encontrar as pistas escondidas nas entrelinhas. Explique o porquê das cores diferentes. Os verbos usados e palavras concretas têm um significado.

Luzir=amarelo=brilhar;

Esquenta=vermelho=quente=fogo;

Secaram=roxo=tristeza,

Dar=verde=esperança etc.

Dia=claridade;

Amanhã=advérbio=futuro;

Pôr-do-sol=entardecer=a noite vem e o dia passa=transitoriedade da vida;

E a cor azul=dia=vida.

Quando eu terminei essas tarefas, eu percebi que eu consegui transpor os limites de leitor/autor/leitor por isso o uso do termo *trans* que quer dizer transpor limites. Quando eu explico os conceitos teóricos através do desenho, eu uso a transconceitualização. Ao mudar o gênero canção para imagem, eu faço a transgeneração e ao sair com a bolsa, eu utilizo a transterritorialização, pois eu saio do lugar da sala de aula, da minha casa e levo o Nando Reis para a rua, para os corredores da escola para os outros alunos, eu acabo levando cultura, arte e conhecimento para as outras pessoas. Eu levo a leitura e a interpretação para fora do ambiente escolar.

7. Considerações finais

Ao concluir a pesquisa, conseguiu-se comprovar os dados propostos nas hipóteses e atingir o objetivo geral, pois ao conseguir sair de uma leitura meramente linear e se tornar a autora do próprio texto, através das análises feitas sobre o compositor e cantor Nando Reis, proporcionou-se levar a cultura e arte, através dos textos, a toda uma comunidade. A definição do significado do vocábulo SOL para o eu lírico revela que há um vazio do “eu” através da inconstância da vida e do jeito atemporal de viver e ser dele, pois a presença do termos concretos e abstratos comprovam elo entre o objetivo e subjetivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2012.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais*. Ensino médio. Brasília: MEC/SEF, 2000.

BYNGTON, Carlos Amadeu. *Pedagogia simbólica: a construção amorosa do ser*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1996.

DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

GALVES, Charlotte; ORLANDI, Eni Pulcinelli; OTONI, Paulo. (Org.). *O texto, leitura e escrita*. Campinas: Pontes, 1988

KLEYMAN, Ângela Bustos. *Oficina de leitura*. São Paulo: Pontes, 1996.

KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça. *A construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2005.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário brasileiro globo*. São Paulo: Globo, 1990.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. Campinas: Cortez, 2000.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Maurício da. *Repensando a leitura na escola: um outro mosaico*. Niterói: Eduff, 2002.